

Goiânia: ideias para a fundação de uma cidade moderna e o destaque da Av. Goiás no plano

Ana Caroline Caixeta Silva (PG)¹

anacaroline.arqurb@gmail.com

Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Av Juscelino Kubitschek, nº 146 – Jundiá, Anápolis - Goiás

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo compreender e apresentar brevemente o processo de fundação e as ideias que nortearam a elaboração do plano urbano e a criação de Goiânia – proposta no contexto da Marcha para Oeste como a nova e moderna capital do Estado como resposta a busca de integração do estado com o restante do país – com destaque para a importância da Avenida Goiás tanto no plano como na história da capital, visto que essa avenida possui um acervo representativo de diferentes momentos históricos, sejam eles elementos, edifícios ou monumentos, que estabelece um elo entre passado e presente, e a experiência espacial permitida ali marcou a história da cidade. Pesquisas bibliográficas e levantamentos de campo serão a base para esta retomada histórica.

Palavras-chave: Goiânia. Projeto urbano. Avenida Goiás. Tendências urbanísticas.

Introdução

Diante de um espaço urbano em constante mutação e de uma sociedade em processo de evolução, onde questões econômicas, sociais, culturais e políticas interferem a todo tempo em seus cotidianos, a memória das cidades perde cada vez mais relevância, símbolos importantes perdem o valor histórico e o patrimônio não é reconhecido, muito menos valorizado. Goiânia é representante dessa situação, fruto da necessidade de modernidade e progresso do estado de Goiás, possui uma vasta diversidade de lugares de memória e símbolos da narrativa histórica da capital que merecem ser estudados.

Cidade que nasceu no intuito de vencer o isolamento do estado de Goiás com o restante do país, apresenta em seu plano urbano diversos demonstrativos das influências que nortearam a sua criação e que buscaram alcançar os objetivos impostos a ela.

Passando pela história da cidade e seu projeto urbano nota-se que a Avenida

¹ Graduada em Arquitetura e Urbanismo, mestranda no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) da Universidade Estadual de Goiás e bolsista de Pós-Graduação Stricto Sensu.

Goiás é um importante eixo cuja relevância ultrapassa as questões meramente funcionais e estéticas, seus elementos, símbolos, monumentos, edifícios, enfim, sua paisagem pode ser vista como um acervo representativo de diferentes momentos históricos, estabelecendo um elo entre passado e presente, uma narrativa histórica.

Para tanto, este trabalho tem por objetivo a apresentação de um breve histórico do processo de fundação e das ideias que nortearam a criação de Goiânia, destacando a importância da Avenida Goiás não só para o plano urbano da cidade, mas também para a história da capital.

Material e Métodos

Esta pesquisa foi desenvolvida unindo teoria e prática, na medida em que o estudo teórico e bibliográfico, acrescidos de visitas a museus e arquivos foram complementados por uma série de levantamentos em campo (no Centro de Goiânia). A partir das leituras disso foi possível elaborar um todo coerente e que permitisse o entendimento do planejamento urbano de Goiânia, as influências e referências que o guiaram, e a indicação da Avenida Goiás como via de destaque.

Resultados e Discussão

Goiânia foi idealizada para ser uma cidade moderna, um ícone da modernidade varguista em meio à paisagem áspera do cerrado. Inaugurada em 1935, foi planejada em meio a um horizonte brasileiro pautado por amplas transformações e novas definições políticas, econômicas e socioculturais onde o discurso dominante era o de progresso. Logo, a nova capital, como afirma Chaul (2015, p. 11), conduziu seus passos por entre a carência de verbas e a necessidade de investimentos, “assim, este símbolo maior da *Marcha para Oeste*² possibilitou o avanço capitalista para o

² A ideia de uma Marcha para Oeste é varguista, pelo menos na prática, visando, inicialmente, ocupar o sertão, sair do litoral, desbravar o interior, inserir a região na Nação, e tem no movimento dos bandeirantes as chamadas raízes de sua formação. Portanto, a chamada Marcha para o Oeste foi um projeto governamental que buscou povoar e desenvolver o interior do Brasil, região distinta do litoral no que dizia respeito ao desenvolvimento humano e econômico, visando uma maior integração nacional e aproveitamento dos potenciais naturais e humanos do sertão, entendidos como fundamentais para a garantia da prosperidade da Nação. Segundo Ricardo (1970), todo brasileiro que pratique “atos de bandeirismo” estará inscrito na tradição bandeira, assim pode-se colocar Pedro Ludovico Teixeira como o bandeirante moderno, aquele que buscou a modernização de um estado, através da construção de uma nova capital e sua integração com o restante do país, dessa forma, ainda segundo Ricardo (1970),

interior do país, consolidando os planos político-econômicos de Vargas e Pedro Ludovico”. Por esse caminho, Grande e Boaventura (2015) reitera que além da função de centro político e administrativo do estado, a cidade ainda nasceu com o designo de modernidade, superando o isolamento social, político, cultural e econômico de Goiás em relação ao restante do país.

Imbuídos desse espírito renovador, o projeto urbanístico da nova capital foi inicialmente encomendando à Atílio Corrêa Lima. Nele, de acordo com Arrais (2008), concepções de cidade barroca e de cidade jardim foram as matrizes mais importantes, mas não as únicas referências existentes na cidade construída de fato. Versalhes, Karlsruhe e Washington foram indubitavelmente as inspirações iniciais e mais marcantes para o plano inicial conduzido ainda por Atílio - cidades onde o traçado comum é o de asterisco com o predomínio do efeito monumental e absolutista, características do urbanismo barroco. Daí o posicionamento do centro administrativo em destaque, como polo de convergência das principais avenidas - Goiás, Araguaia e Tocantins. Traçado que originalmente buscou ressaltar, através da monumentalidade, o caráter governamental da nova capital goiana.

Em seu relatório, Atílio Corrêa Lima, ao se referir ao caráter monumental e pitoresco das três avenidas que convergem para o centro administrativo, chama a atenção para a ambiguidade: o pitoresco é assegurado pela generosa arborização prevista para os passeios e canteiros centrais, enquanto o monumental é representado pelas esplanadas ao modo barroco francamente tratadas como verdadeiras *parkways*. (MANSO, 2001, p. 99)

Não obstante, a continuidade do desenho realizada pelo engenheiro e urbanista Armando Augusto de Godoy insere referências às cidades jardins ingleses e às experiências americanas, principalmente no novo arranjo para a parte sul da cidade.

Nota-se, portanto, que além da influência da escola francesa, outras ideias e importantes modelos do urbanismo moderno estão presentes na concepção urbana de Goiânia, que teve seu projeto elaborado, de acordo com Ribeiro (2007), dentro dos princípios em voga na época. A nova capital que ansiava por “ordem e progresso” foi concebida tendo como principais norteadores a economia e a política rebatidas no desenho de sua área central:

o bandeirismo moderno ressurgiu em outro horizonte cultural e renovado em seus objetivos econômicos; o da Marcha para Oeste, hoje incluída nos programas de organização nacional.

Goiânia se caracteriza por valorização das ruas, dos quarteirões, das praças e monumentos. Ela também se organiza a partir de um traçado radiocêntrico e ortogonal, que privilegia o tráfego de veículos, as áreas de estacionamento e o tratamento especial das praças. O ponto de maior destaque da composição é o centro cívico. Ele é o núcleo central de todo o sistema. Nele, se encontram os principais edifícios públicos administrativos tais como o Palácio das Esmeraldas e a Secretaria Geral. Desta mesma praça convergem as três importantes avenidas de Goiânia: a Goiás, a Araguaia e a Tocantins. (GRANDE e BOAVENTURA, 2015, p. 76)

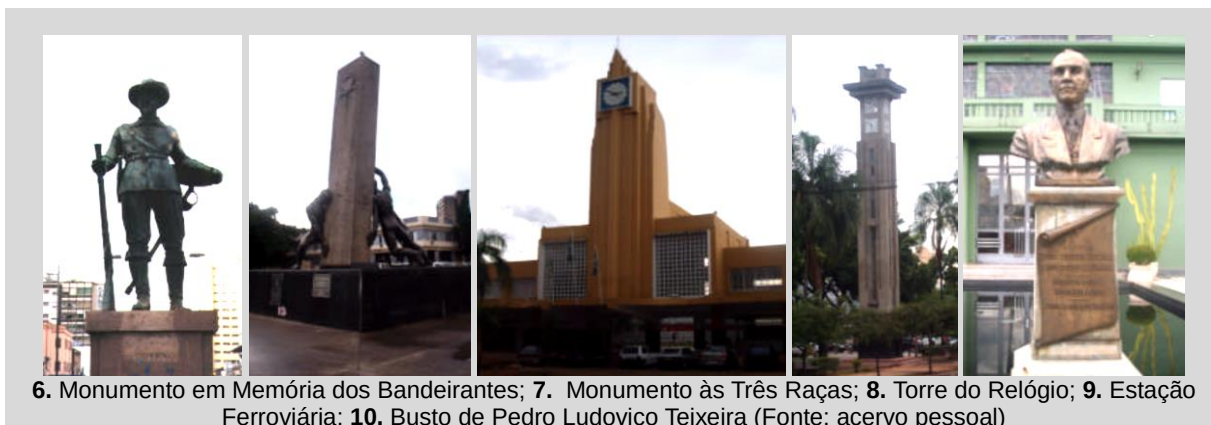
Duas tendências ficam claras no plano que virou cidade: a primeira na parte central onde predomina o traçado radial definido pelas Avenidas Goiás, Araguaia e Tocantins que resultam na figura de um triângulo, tendo em um de seus vértices o Centro Administrativo; a segunda na região leste do plano onde a estrutura viária se adapta ao relevo descendo em direção ao córrego Botafogo que margeia toda a extensão da proposta.

Já para Oliveira e Peixoto (2009), é inquestionável a originalidade e sincronia de Goiânia com as teorias urbanísticas europeias. A semelhança com a Paris de Haussman é nítida quando se observa o horizonte de bulevares, avenidas e praças, desenhados a partir da composição rigorosamente geométrica. No entanto, aspectos como a funcionalidade, o zoneamento e a ênfase em vias de circulação de veículos estabelecem fortes ligações com o ideário ligado ao urbanismo Modernista. Do modelo funcionalista, de acordo com Manso (2001), veio delimitação das zonas residencial, comercial e rural; do centro administrativo; dos locais de diversão; das vias públicas hierarquizadas.

Diante de tais prerrogativas, a importância da Avenida Goiás no plano de Goiânia fica evidente. Olhando para o conjunto de vias que convergem para o Centro Administrativo, segundo Manso (2001), a Avenida Goiás, eixo norte-sul da composição urbana de Goiânia, é a via de maior destaque, sendo tratada como uma grande alameda. No seu extremo norte era prevista a zona-industrial, localizada junto à ferrovia justamente para possibilitar o crescimento da cidade ao longo do eixo ferroviário. Já o setor comercial estaria disposto no cruzamento com a Avenida Anhanguera, localização escolhida por ser a área mais central do plano.

A importância da Avenida Goiás para o plano urbano de Goiânia vai além da busca por uma perspectiva monumental em direção ao Centro Administrativo e da simples conexão entre a Praça Cívica e a Estação Ferroviária. Ela carrega em si um significado que extrapola tais características meramente funcionais e estéticas. Como afirma Carmo (2015), a história da Avenida se confunde com a história da cidade por

materializar um vínculo físico entre o passado e o presente. Idealizada como o *Eixo dos Monumentos da Capital*, ao longo de seu percurso tais obras evocam a expressão cívico-patriótica do plano para a cidade. Monumentos de grande importância para a memória coletiva e, como percebido por Arrais (2008, p. 217), “em nenhum outro lugar foi projetada qualquer outra construção significativa ou edificação comemorativa, com estátuas ou obeliscos”.



Compondo seu eixo estão o Palácio das Esmeraldas, sede administrativa do Estado; nos jardins do Palácio o busto de Pedro Ludovico Teixeira; o Monumento em Memória dos Bandeirantes, doado em 1942 pelo Centro Acadêmico da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, como homenagem aos desbravadores da região central do Brasil; o Monumento às Três Raças, comemorativo do Batismo Cultural de Goiânia; a Torre do Relógio; e a Estação Ferroviária que só foi inaugurada no ano de 1953. De acordo com Arrais (2008), esses pontos fixos espalhados pela avenida central constituem um grande palco por onde a função pública e administrativa da cidade poderia ser visualizada.

O arranjo desses elementos ao longo do eixo não foi intencional, mas acabou reforçando a intenção inicial de visualização do poder e dos agentes que impulsionaram suas origens: a imagem do Bandeirante relacionada à Marcha para o Oeste; a Estação Ferroviária a um dos ciclos de desenvolvimento econômico pelo qual passou Goiás com a introdução transporte ferroviário; e o busto de Pedro Ludovico que mantém mitificada a imagem de um dos idealizadores da nova capital.

Além dessas obras e monumentos icônicos foram inseridos outros “edifícios âncoras”, que ao longo do tempo incrementaram e modificaram a paisagem da avenida, como o Grande Hotel, um dos primeiros a serem construídos. À medida que

a cidade foi sendo ocupado vieram diversos outros, mas que nem por isso deixam de ter valor, visto que a história se constrói dia a dia. Todos esses elementos – edifícios, monumentos, traçado urbano – contribuem para a narrativa histórica da fundação de Goiânia, para a manutenção da memória coletiva e para a perpetuação da história. Eles adquirem um valor orientador dentro da sociedade ao fazerem a conexão entre o passado e o presente. Dessa forma, as obras dispostas ao longo da Avenida Goiás podem ser vistas como produtoras de memórias, e, com a ajuda delas, a história da capital pode ser retomada indefinidamente. A Avenida Goiás pode, portanto, ser compreendida como elemento estruturador, tendo um sentido que vai além do funcional, trata-se também da experiência espacial, da vivência proporcionada ali, de permitir o contato entre as pessoas e delas com a história local.

Attílio planejou Goiânia, assim como afirma Diniz (2007), com um urbanismo clássico formal, coerente com a sua formação no Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris, e um singelo traço modernista para as mais relevantes edificações. Do traço formal vemos, por exemplo, o desenho da Avenida Goiás como o grande bulevar de Attílio para Goiânia.

Outra particularidade da Avenida Goiás, em seu trecho comercial, foram as vielas projetadas com o objetivo de facilitar a carga e descarga de mercadorias, sem a obstrução do trânsito e a necessidade da criação de estacionamentos para esse fim, e também a coleta de lixo, livrando a avenida desse desagradável aspecto, deixando-a livre para a vivência e sem obstáculos para o percurso.

Logo, Goiânia faz parte do grupo de cidades, assim como afirma Baeta (2000), que passam a se importar mais com a concepção geral do espaço baseada em preceitos técnicos, onde os elementos de maior importância, que dão sentido ao contexto, são agora, as grandes ruas, as grandes avenidas, os grandes bulevares.

Nesse contexto, a Avenida Goiás recebeu a largura excepcional de 50 metros para uma aglomeração de pessoas relativamente modesta. Ao todo foram previstos 45% de área ajardinada e convenientemente arborizada, com aspecto monumental e pitoresco, a ser utilizada como um grande passeio público. Mais uma característica que denotava as mudanças de hábitos da época, quando as pessoas começaram a se relacionar com o espaço público de uma forma mais intensa.

De fato, a apropriação da Avenida Goiás se deu como lugar de encontros da população, de contemplação e de permanência. Isso tendo como equipamentos de suporte o Grande Hotel, o Café Central e o Jôquei Clube.

Esse processo de vivência pode ser visto no filme *Pedro Fundamental*³, cujo roteiro e produção são de PX Silveira⁴. Nele são retratados, além das questões políticas e econômicas envolvidas nos trâmites da mudança da capital de Goiás, as características da nova capital, os seus monumentos, os edifícios, as ruas e o cotidiano local, mostrando uma Avenida Goiás que traz, desde seus primórdios, um lugar que vai além do simples percurso em direção ao Centro Administrativo, mas um lugar de visualização do poder e da história através de seus monumentos, de convívio e de vivência.



11: Av. Goiás, Grande Hotel ao fundo. **12:** Av. Goiás e a Torre do Relógio. **13:** Presença do automóvel, maior símbolo de modernidade para a época. **14:** O uso do espaço público: o automóvel e os pedestres.



15, 16, 17: Uma onda de bicicleta invadiu Goiânia. A vivência no espaço público: Av. Goiás - palco para atividade de convívio.



18, 19, 20, 21: O espaço público sendo utilizado como espaço de vivência, de percurso, palco de eventos cívicos, de caminhadas, encontros e passeios.

Fonte: Imagens capturadas do Filme *Pedro Fundamental*

³ Realizado em Goiânia-GO no ano de 1992, fez parte da programação do Especial 'Curta Goiânia', realizado pela TV UFG, que exibiu filmes representativos da cultura, povo e história da capital em seu aniversário de 79 anos. Foi exibido também na Mostra do Cinema Goiano, realizado pelo MIS (Museu da Imagem e do Som) em 2009, no Cine Cultura, com o objetivo de prestigiar e divulgar a produção cinematográfica goiana. O curta tem como tema central Pedro Ludovico Teixeira a partir de uma imagem apologética de herói fundador, narrando a história de desenvolvimento do estado de Goiás e da sua capital. Com duração de 00:35:23, está classificado na categoria de curta-metragem/som/ficção, mas apresenta uma certa confusão sobre sua classificação, que por alguns é classificado como filme e por outros como documentário, sendo a maior causa desta dificuldade de classificação o seu tempo de duração. Para tanto, utilizaremos o termo filme para se referir a *Pedro Fundamental*.

⁴ José Peixoto da Silveira Junior, natural de Goiânia. Cursou Comunicação, Publicidade e Biologia, na Universidade de Brasília (UNB). É gestor cultural com especialização na França (*Courant/Ministère da la Culture*), atua como pesquisador nas áreas de cultura e história cultural; jornalista (mantém página semanal no Diário da Manhã) e cine-documentarista; escritor ensaísta sobre artes visuais em geral. É consultor de projetos culturais, no Brasil e com atuação também na Europa.

Quanto aos edifícios que compõem a paisagem da avenida, Attílio procurou criar com poucos recursos, como afirma Manso (2001, p. 158), “uma arquitetura que representasse o poder não pela ostentação e monumentalidade, mas por um estilo próprio que não contrapusesse ao ideário revolucionário nacional e à especificidade (alma) do lugar”. Portanto, as características Art Déco foram utilizadas por ele, mesmo que no breve período em que esteve presente no processo de construção de Goiânia, devido aos recursos escassos disponíveis pelo estado. Essa opção ficou evidenciada nos edifícios públicos projetados para compor o centro administrativo de Goiânia, além da Av. Goiás.

A Goiânia de Attílio pôde assim dar-se ao luxo de ter Art Déco na Avenida Goiás, constituída por um passeio central, que propiciava o lazer com atitude distraída e contemplativa, e também por bancos dispostos ao longo dos canteiros de vegetação. É nesta parte que os elementos decorativos, os relevos e os escalonamentos volumétricos apresentam-se com maior apuro. (MANSO, 2001, p. 155)

Com o tempo não só o Déco, mas construções ecléticas, neocoloniais e modernistas passaram a fazer parte das principais orientações arquitetônicas implantadas nas edificações da nova capital. Assim, a arquitetura se junta ao traçado urbano objetivando atingir o progresso tão esperado.

Considerações Finais

A breve passagem pelas ideias que nortearam o desenho inicial de Goiânia explicita os diversos artifícios utilizados para se construir uma cidade como uma ode a monumentalidade centrada no poder do Estado. Nela o Centro Administrativo foi posicionado como o elemento fundamental na composição, onde o Palácio do Governo está localizado no eixo de simetria da Praça Cívica, o que reforça o profundo civismo que alimenta a nova capital. Sua posição privilegiada permite ainda que seja visto de pontos distintos da cidade graças as avenidas que, com caráter pitoresco, direcionam o olhar como eixos perspectivos em sua direção. A Avenida Goiás é uma dessas avenidas, que não só por esse motivo se destaca no plano urbano da cidade. A importância dessa Avenida, via de maior destaque do plano, se dá tanto pela sua função como também pelo peso simbólico que ela carrega, podendo ser tratada como

um elo entre passado e presente, este que se intensifica através dos diversos marcos de memória presentes ao longo do seu eixo.

Agradecimentos

Ao longo da pesquisa, muitas foram as pessoas que compartilharam comigo preocupações e interesses que deram origem a este trabalho. É preciso, portanto, fazer as vezes àqueles de efetivamente merecem, a minha família, meus amigos e em destaque ao professor doutor Fernando A. Oliveira Mello. Agradecimentos também se devem a Universidade Estadual de Goiás pela oportunidade nos dadas.

Referências

ARRAIS, Cristiano Alencar. **Projeções Urbanas: Um Estudo sobre as Formas de Representação e Mobilização do Tempo na Construção de Belo Horizonte, Goiânia e Brasília**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

BAETA, Rodrigo Espinha. **A estética da cidade no século XIX**. In: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. v. 6, n. 1, 2000.

CARMO, Danielle do. **A Memória e o Patrimônio no Espaço Urbano: a Avenida Goiás em Goiânia**. Especialização interdisciplinar em Patrimônio, Direitos Culturais e Cidadania: ciclos de webconferências. Goiânia, GO: Gráfica UFG/CIAR UFG, 2015.

CHAUL, Nasr Nagib Faya. Goiânia: a Capital do sertão. In: SILVA, Ademir Luiz da; OLIVEIRA, Eliézer Cerdoso de. (Org). **Goiânia em mosaico - visões sobre a capital do cerrado**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015.

DINIZ, Anamaria. **Goiânia de Atílio Corrêa Lima (1932-1935): Ideal estético e realidade política**. Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade de Brasília. Brasília, DF. 2007

GRANDE, Ivan Oliveira de; BOAVENTURA, Deusa Maria Rodrigues. **Contradições no centro tradicional de Goiânia: usos e transformações no espaço da praça cívica e Avenida Goiás.** Revista PerCursos. Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 74-98. jan./abr. 2015.

MANSO, Celina Fernandes Almeida. **Goiânia: uma concepção urbana, moderna e contemporânea – um certo olhar.** Goiania: Edição do Autor, 2001

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de; PEIXOTO, Elane Ribeiro. **Estudos de bairros: entre a Arquitetura e a História.** Revista Mosaico, v.2, n.1, p.59-67, jan./jun., 2009.

RIBEIRO, Maria Eliana Jubé. **O visível e o invisível da paisagem social: uma leitura da revitalização do centro de Goiânia.** Paisagem Ambiente: ensaios - n. 24 - São Paulo - p. 147 - 156 - 2007

RICARDO, Cassiano. **Marcha Para Oeste.** 4ª edição. Coleção Documentos Brasileiros. Editora da Universidade de São Paulo. Livraria José Olympio. Rio de Janeiro, 1970.